



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADEMICA DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

JULIANA MARTINS LOPES

**REMINISCÊNCIAS DA CIDADE REAL E DA CIDADE ÍNTIMA: UMA LEITURA
DA POESIA DE R. LEONTINO FILHO**

CAJAZEIRAS – PB

2016

JULIANA MARTINS LOPES

**REMINISCÊNCIAS DA CIDADE REAL E DA CIDADE ÍNTIMA: UMA LEITURA
DA POESIA DE R. LEONTINO FILHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Literários do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores da UFCG, Cajazeiras – PB, sob orientação do Professor Carlos Gildemar Pontes, como requisito para obtenção do título de Especialista.

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L864r Lopes, Juliana Martins
Reminiscências da cidade real e da cidade íntima: uma leitura da poesia de R.
Leontino / Juliana Martins Lopes. - Cajazeiras, 2016.
43f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes.
Monografia (Especialização em Estudos Literários) UFCG/CFP, 2016.

1. Estudo Literário. 2. Leontino Filho - Poesia. 3. Análise Literária. 4. Cidade íntima - Poesia. I. Pontes, Carlos Gildemar. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.09

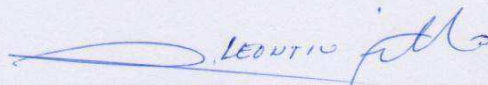
Título do Trabalho: **REMINISCÊNCIAS DA CIDADE REAL E DA CIDADE ÍNTIMA:
UMA LEITURA DA POESIA DE LEONTINO FILHO**

Aluna: **Juliana Martins Lopes**

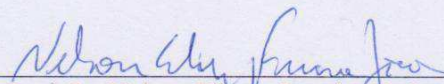
Monografia apresentada em 25 / 04 / 2016 como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em Estudos Literários, da UFCG – Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica de Letras, com o conceito APROVADA pela seguinte Banca:



Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes
(orientador)



Prof. Dr. Raimundo Leontino Leite Gondim Filho
(examinador)



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico a meu esposo e filha por todo apoio e dedicação dispensados a mim nesse período. A minha família por estarem sempre ao meu lado me incentivando na conquista do título de Especialista em Estudos Literários, aos professores deste tão almejado curso que através de seus exemplos despertaram em mim o desejo de continuar minha carreira acadêmica, ao meu orientador Gildemar que soube me estimular na compreensão e no amor pela poesia.

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha família, em especial meu companheiro e minha filha, por toda compreensão e paciência e por aceitar a ausência desses dias.

Agradeço a todos os meus amigos que me deram a oportunidade de conviver em harmonia nesse tempo e compartilhar esta experiência, principalmente a Luiza por toda ajuda e seu inefável amor pela poesia.

Agradeço as minhas amigas do quarteto fantástico, muito obrigada por fazer das minhas quartas feiras as mais felizes da minha vida. Os melhores sorrisos, eu dividi com vocês (por motivos bobos)

Agradeço a todos os professores da Especialização em Estudos Literários da Universidade Federal de Campina Grande que durante todo o curso colaboraram para que eu pudesse adquirir conhecimento.

Em especial agradeço ao professor Carlos Gildemar Pontes pela honra de ser meu orientador, pela atenção e por vivenciar comigo as ocasiões de concretização deste trabalho.

“Quem come da árvore do conhecimento sempre acaba expulso de algum paraíso”

William Ralph Inge

RESUMO

A proposta do presente trabalho é realizar um estudo da obra *Cidade íntima*, do poeta R. Leontino Filho, e tem como finalidade apontar nos poemas as marcas da memória evocadas pelo poeta na construção das imagens referentes à sua cidade natal e por meio de poemas que contém uma grande carga significativa expressa através de imagens que evocam a mulher amada. Ambas, cidade e mulher, se confundem no artesanato poético, a partir das dualidades e semelhanças entre a cidade espacial, geográfica, vista de maneira objetiva, concreta, e a cidade poética, íntima, onde a mulher é vista como espaço duplicado no poeta, compondo as duas cidades existenciais, a real e a poética. Para tanto, buscamos o apoio teórico de G. Bachelard, Emil Staiger e Octavio Paz, para suporte na compreensão do lirismo e da composição das imagens dos poemas.

Palavras - Chave: Cidade Espacial. Memória. Mulher. R. Leontino Filho

ABSTRACT

This paper aims to conduct a study of the book *Cidade Íntima*, from the poet R. Leontino Filho, and has as objective to point out in the poems the marks of the memory evoked by the poet in the construction of images related to his hometown and by means of poems that contains a large significant burden expressed through images that evoke the beloved woman. Both city and woman are confused in the poetic craft, from the dualities and similarities between the spatial city, geographical, seen in a objective manner, concretely, and the poetic town, intimate, where woman is seen as a duplicate space on the poet, composing the two existential cities, the real and the poetic city. Therefore, we sought the theoretical support in G. Bachelard, Emil Staiger and Octavio Paz, to support the comprehension of lyricism and composition of images in the poems.

Key-words: City Spatial. Memory, Woman, R. Leontino Filho

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. A CIDADE ESPACIAL E A CIDADE POÉTICA..... | 12 |
| 1.1 O real no poético | 18 |
| 2 . O ESPAÇO COMO MEMÓRIA POÉTICA | 22 |
| 2.1. Ecos da memória | 26 |
| 3. A CIDADE COMO LABIRINTO DA INTIMIDADE..... | 32 |
| 3.1. Mulher, minha cidade íntima. | 34 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| REFERÊNCIAS | 43 |

INTRODUÇÃO

Ao lermos os poemas de R. Leontino Filho, poeta cearense, radicado no Rio Grande do Norte, percebemos uma profunda identificação com dois elementos essenciais da poesia, a imagem e a reminiscência. No livro *Cidade íntima*, 3ª edição de 1999, esses elementos estão presentes como estrutura fundamental da obra, a partir da qual resolvemos analisar os poemas nela contidos. O tema central, a cidade e as nuances das diferentes cidades existentes, marca o espaço exterior e o espaço interior do poeta. As cidades não serão analisadas aqui só como espaço físico, mas, também, como espaço da criação poética, e será observado os aspectos subjetivos e objetivos da obra.

Divido em cinco blocos ou seções que se intitulam: Evoluções, Sementes, Somos o poema, Arco-íris e Represa, que agregam poemas dentro de cada proposta temática. Esses subtítulos trazem toda uma carga de significados por meio de propostas que serão compartilhadas com os poemas de cada bloco. O poema haicai em Evoluções com toda sua carga lírica revelada por meio da natureza apresenta uma ligação com as Sementes que brotam no âmago do poema; Em Somos o poema, a metalinguagem invocada coloca o poeta direto no processo como engenho e obra resultante; a beleza como motivo do Arco-íris; e depois, ser Represa no íntimo mais sublime da poesia.

No primeiro momento, observamos a cidade como elemento de fundação. A primeira cidade nasce a partir do real, ela é concreta vista de maneira objetiva, é a cidade como espaço existencial, da convivência diária do poeta onde nasce a poesia muitas vezes inspirada em momentos despreziosos, momentos que ganham nova significação nas mãos habilidosas do poeta. A próxima cidade é a anímica que nasce por meio da subjetividade, é a cidade poética, repleta de dualismo ela é submetida ao olhar subjetivo do poeta sobre a vida humana. Essa cidade é evocada e vivenciada no íntimo do poeta. Essa cidade íntima é externalizada por meio da criação poética.

Ao longo da análise, observamos como surge a outra cidade, íntima, parte da memória evocada pelo poeta na construção das imagens referentes à cidade natal do poeta, e essas memórias exercem grande influência na elaboração dessa cidade condensada nas lembranças do poeta.

Outra cidade, analisada neste trabalho, é a que evoca a mulher como cidade refúgio do eu lírico, a mulher e a cidade se confundem na feitura do poema. A mulher amada é

substituta da cidade berço, como se o útero-fornalha da mulher amada fosse substituta do útero-berço materno.

Os poemas foram analisados a partir das dualidades e semelhanças entre as cidades multifacetadas presentes no poema, nas quais por meio de imagens que contêm uma grande carga significativa o poeta expressa todo seu lirismo. Para tanto, buscamos apoio teórico de Gaston Bachelard em *A poética do espaço* e em *A poética do devaneio* como suporte conceitual para analisar a subjetividade lírica na poesia de Leontino no que diz respeito à reminiscência poética que é o princípio que rege a temática da poesia do autor.

Utilizamos, ainda, as discussões teóricas de Octavio Paz na *A outra voz* e *Signos em rotação* como suporte para o entendimento dos aspectos característicos do texto lírico, e muito contribuiu para o entendimento do lirismo na obra *Cidade íntima*.

Emil Staiger nos ancorou em seus *Conceitos Fundamentais da Poética*, quando identifica no estilo lírico denominado de o “recordar”, os sentimentos íntimos pertencentes ao eu lírico capaz de construir - lhe uma nova identidade. Nessa obra, esse aspecto se apresenta como a falta de distanciamento entre o sujeito e o objeto.

E ainda este estudo teve como base Antonio Candido no seu *O estudo analítico do poema*; Alfredo Bossi em *O ser e o tempo da poesia* e por fim Carlos Gildemar Pontes em *Travessia de mundos paralelos* (críticas de poesia) que nos serviu como base, quando em um capítulo faz a uma análise da obra *Cidade íntima*.

1. A CIDADE ESPACIAL E A CIDADE POÉTICA

A cidade como espaço do ser em sociedade será analisada a partir de suas dualidades, semelhanças e diferenças entre a cidade onde o poeta vive, a que é real, e será analisada do ponto de vista concreto, e a cidade que existe subjetivamente no poeta e que é revelada através de uma linguagem metafórica. Sempre há uma ligação entre essas duas cidades, uma está contida na outra, porém as duas nunca serão a mesma, a cidade espacial é vista como a cidade real, objetiva, vivenciada no mundo material, externo ao poeta, e a cidade poética como íntima repleta de dualismo que submete toda subjetividade da vida humana ao olhar do poeta e que se encontram em *Cidade íntima*.

O modo como se constitui o universo intersubjetivo do sujeito lírico de *Cidade íntima*, revela um aspecto de perenidade na construção das imagens que compõem uma teia que restauram a memória afetiva, revela uma força criativa com base na evocação de imagens do passado, que é revisitado nos poemas. “Para especificarmos bem o que possa ser uma fenomenologia da imagem, para frisarmos que a imagem existe antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma.” (BACHELARD, 1998, p. 185.)

Antes da criação poética, o poema nasce no espírito do poeta, revelando aquilo que existe de mais intuitivo e emotivo. A “poesia se é alguma coisa, é revelação da essencial heterogeneidade do ser” (PAZ, 1996, p. 31.), ou seja, em uma obra poética se encontra uma ideia, não uma realidade. “Os poetas nos ajudarão a descobrir em nós uma alegria tão expansiva ao contemplar as coisas que às vezes viveremos, diante de um objeto próximo, o engrandecimento de nosso espaço íntimo”. (BACHELARD, 1998, p.327). Na poesia de Leontino Filho, os objetos que compõem a cidade adquirem diversas significações. Passam do concreto para o abstrato através da materialidade e do abstrato para o concreto quando a memória invoca o objeto e ele se presentifica no tempo pela imagem que invoca.

Na poética de *Cidade íntima*, é preciso um olhar cuidadoso para o jogo discursivo/semântico que possibilita a projeção dessa cidade em dois polos significativos representados na construção dos poemas. Um que mostra a cidade real, outro que desdobra essa cidade como imagens poéticas.

Quando falamos na poesia lírica, por essa razão, em imagens, não podemos lembrar absolutamente de pinturas, mas no máximo de visões que surgem e se desfazem novamente, despreocupadas com as relações de espaço e tempo. (STAIGER, 1997, p. 21)

A cidade espacial e a cidade poética estão de certa forma uma contida na outra, sendo difícil separá-las, pois é na cidade espacial onde o poeta vive, onde nasce sua inspiração através de coisas cotidianas, que adquirem grandes significações para dar origem à cidade poética. Esta nasce da subjetividade daquilo que o poeta viveu ou vive, do que é produto da sua memória ou da sua imaginação criadora.

REPRESA

1.
o mesmo corpo tardado
tempo sempre no resguardo
da noite sem alma
tampouco o objeto vislumbra
margens saberes futuras equações
ontem o sujeito entrevado em raízes
riachos armaduras de terra
mundo que resvala no horizonte
infância – asa de pássaro

aços são voos de flores
constelação
furor no olho
quase simulacro de lagrimas

(LEONTINO FILHO, 1999 p. 58)

O último bloco de poemas do livro *Cidade íntima* intitulado “Represa” é composto por cinco poemas carregados de lirismo. Repleto de imagens dualistas entre a recordação da natureza e momentos existenciais “entrevado em raízes”. As imagens construídas pelo poema são extravasadas por meio de uma expressão verbal repleta de melodia e ritmo, onde os versos fluem na falta de pontuação, deixando as pausas no ritmo da respiração.

A represa é metáfora da cidade como espaço onde o eu lírico habita, assim como a represa impede a água nela contida de chegar ao seu destino, que é o rio e depois o mar, a cidade impede o eu lírico de chegar ao lugar por ele almejado, com uma sempre sensação de porvir que acompanha o eu lírico durante todo o poema. É o “corpo tardado”, a “noite sem alma”, o “sujeito entrevado em raízes”, “armaduras de terra” no tempo sempre à espera de algo, na noite que sem o objeto desejado se torna vazia sem alma. Para o eu lírico, o sujeito que fica preso em um só lugar é como a água de um riacho presa pela armadura de terra que a prende

em um só espaço e nunca experimentará a plenitude do horizonte, ele clama por liberdade, liberdade essa experimentada apenas na infância, vivenciada agora só na cidade como memória do eu lírico/poeta. A liberdade é um devaneio, uma lembrança. “Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio”. (BACHELARD, 1998, p. 95)

Uma das características da poesia de Leontino e que está presente na obra de *Cidade íntima* é o contraste entre o que é leve com o pesado “aços são voos de flores”, neste verso, a metáfora utilizada pelo eu lírico compara os dois elementos que estão em contraste, para as flores os voos são impossíveis, e essa ideia é tão forte como aço, sendo possível só na criação imagética do poema. Voos das flores é metáfora para a busca do eu lírico pela liberdade. A partir da montagem da imagem, a criação poética por meio de uma sofisticada estética transforma imagens aparentemente singulares em uma teia de significação imensa. No fim do primeiro poema, o céu estrelado se reflete nas águas da represa e para o eu lírico parecem lágrimas de desespero.

2.
 costuro lembranças
 essências íngremes da lenda
 talvez a memória batida
 na canção
 seja do tamanho que o mundo
 não comporta
 faíscas de um tigre
 apenas misturas em trilhas
 de corpos que oscilam
 prisma chuvoso sob sol
 o passo inicial cancelado

olho de lado
 e a herança do mar
 estanca o choro largo
 da cidade

(LEONTINO FILHO, 1999, p. 58)

Costurar lembranças é uma imagem que desperta os nossos sentidos enquanto criaturas e nos remete ao passado que fomos, e o quê nos tornamos, a partir da referência que adquirimos por meio da memória pela qual conseguimos interpretar o que está ao nosso redor, assim como as águas da represa percorrem a cidade e em suas margens se encontram nos fragmentos de suas memórias. A fluidez das águas da represa conduz a fluidez do rememorar lírico no poema em questão. Ao percorrer a cidade, o eu lírico revive suas memórias e não são

as lembranças que vêm por meio do objeto, e sim, por meio das imagens do objeto que só existem no poema.

Não é como se agora, entretanto, o "mundo interior" lírico fosse renovado: "Recordação" não significa o "ingressar do mundo no sujeito", mas sim, sempre, o *um-no-outro*, de modo que se poderia dizer indiferentemente: o poeta recorda a natureza, ou a natureza recorda o poeta. (STAIGER, 1987, p. 29)

Estas reminiscências poéticas estão constantemente a percorrer a cidade e o eu lírico por muitas vezes está a oscilar entre sentimentos distintos, para o eu lírico mesmo nos dias ensolarados sempre há um ponto de vista chuvoso que o impede de dar o passo inicial que o liberte de tudo aquilo no qual está aprisionado. Mesmo preso a um lugar, as lembranças do que foi vivido fora dali sempre acompanham o eu lírico como fragmentos de uma liberdade, mesmo que só a tenha experimentado no seu íntimo, em sua memória ou devaneio. "Psicologicamente falando, é no devaneio que somos seres livres". (BACHELARD, 1998, p.95)

Mesmo sendo herdeira da liberdade do mar, a água da represa aceitou o seu legado de represa, todo seu furor de mar foi estancado, assim como o choro do eu lírico foi reprimido devido à condição de estar preso nos muros que compõem a cidade espacial.

3.
tamanho vulto chega sonolento
plano que atravessa sombras
ruas cortadas no âmago da vida
busco cheiros pela cidade
em seu lugar
as reticências delicada da ruptura
adormecem
subterrâneas persianas do corpo
fábula vencida
por ondas náufragas do oceano

olhos assim
em meu uivo habitado
por nomes destroçados
no ventre do texto
avencas cotidianas do querer

(LEONTINO FILHO, 1999, p.59)

Assim como em todo o bloco, o terceiro poema também tem a temática do porvir, de buscar algo que o preencha, o eu lírico busca aquilo que para ele a vida tem de mais essencial, o eu lírico percorre a cidade à procura de cheiros os quais o remeta a algo que ficou no

passado, e o qual a ruptura não colocou fim, só ficou adormecido em algum canto da cidade. O eu lírico procura por algo que ficou consagrado em alguma parte da cidade e assim como as águas da represa, ele percorre a cidade em busca desse momento vivido, agora perdido nalgum canto da memória, e que é revivido ao sentir cheiros o qual remeta a esse momento vivenciado por ele “o poema traça uma linha divisória que separa o instante privilegiado da corrente temporal: nesse aqui e nesse agora principia algo.” (PAZ, 2006, p.53).

Por meio da construção do poema, o poeta nos revela as persianas como metáforas para os olhos, os quais ao adormecerem deixam a alma e o corpo em total escuridão, perdidos como naufragos em um oceano de incertezas. Porém, os olhos do eu lírico não têm para a paisagem uma só atitude passiva, que é o esperado de uma janela com persianas, os olhos espelham o que acontece no íntimo do eu lírico. Ele não é passivo às imagens da cidade assim como o é às águas da represa. “As imagens do poeta tem sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo”. (PAZ, 2006, p.45).

O poema é finalizado pela declaração do eu lírico, seus gritos já não são mais solitários são habitados por nomes gestados no ventre do texto/poema que é alimento diário para o eu lírico.

4.

solene sorriso
percorrendo madrugadas
ausências soltas do caminhos
traçados pelo vento inusitado
quando
o cavalo desencaminhado de nascença
esboça os vagos ritmos dos labirintos

sou
os tormentos e as mordeduras
desengavetadas pela escritura
tempestades de vidros
quando o múltiplo acalento da mão
repisa o campo das estrelas afogueadas
musica entesouradas – ilha intacta
fagulhas do paraíso

(LEONTINO FILHO, 1999, p.59)

No mesmo tempo que a água percorre a cidade através da construção deste poema, o poeta percorre de maneira metafórica o íntimo do homem. O eu lírico percorre os caminhos da poesia/cidade caminho esse repletos de ausências, o caminho está posto ao eu lírico de

maneira tão confusa que para ele está difícil encontrar a saída. Os caminhos do eu lírico foram traçados pelo vento de forma inesperada, ele se deixou levar por esse vento que pode ser metáfora para tempo, assim como a água que tem o caminho certo que é o mar e foi desviada por essa represa, o eu lírico também, de alguma maneira, foi desviado do caminho certo e se afastou do rumo.

O eu lírico agora são os tormentos, mordeduras as quais só por meio da poesia se tornam capazes de serem liberadas do nosso íntimo, metáforas para aquilo que o poeta tem de mais tempestuoso, forte e que é difícil de ser contido, que é protegido no nosso interior por frágil película, como “tempestades de vidros”. Para o poeta, o seu íntimo é como uma “ilha intacta”, habitada por lembranças e músicas guardadas como tesouros, a poesia é âmago que o poeta precisa por no papel como forma de expurgar tudo que tem de mais pesado. Para o eu lírico escrever é como acalanto para vida cotidiana, escrever poesia é sentir em nós restos de paraíso.

5.
cuidado beco silêncio
a última elegância
jorra relatos
aparências por tardes
grisalho amor nascente

caracóis são moradas
que revertem o viver
violenta brancura que soçobra
carnívora aurora dos ossos
rostos das moradas azuis
crisálidas-ira
núcleo das coisas
cristal do sim e do não
signos soltos
no papel

(LEONTINO FILHO, 1999, p. 60)

O eu lírico continua a percorrer a cidade e esse caminho é feito em silêncio, entretanto, esse silêncio está repleto de imagens vivas, os becos da cidade estão cheios de suas memórias; porém essas lembranças não são somente memórias do passado são referências que se materializaram nos versos como “signos soltos/ no papel”. “A imagem nunca é um ‘elemento’: tem um passado que a constituiu; e um presente que a mantém viva.” (BOSI, 1977, p.15) A cidade, seus becos os problemas existentes nela são metáforas para os problemas existenciais do eu lírico.

A última estrofe do poema “Represa” se inicia com “caracóis são moradas/ que reverterem o viver”, a partir do prisma que para se viver verdadeiramente tem que abandonar suas cascas, e só assim viver a verdadeira liberdade. Os caracóis são metáforas de tudo aquilo que tem de ser abandonado em nós para alcançarmos a verdadeira liberdade, mas também metáfora para a cidade na qual, ao mesmo tempo que nos oferece proteção muitas vezes inibe o eu lírico de alçar voo, assim como a crisálida que, se não passar pelo processo de perda do seu casulo nunca chegará o estágio de borboleta e assim nunca voará para a liberdade.

A liberdade só é experienciada pelo eu lírico por meio da poesia, onde os signos soltos no papel encontram o caminho para se tornarem livres, onde cada signo, cada imagem carrega uma significação infinita, o poema e o poeta, assim como os signos, estão sempre em busca de algo, o destino é a própria busca ou o caminho em si. “O poema é um espaço vazio, mas carregado de iminência. Ainda não é a presença: é um conjunto de signos que procuram o seu significado e que não significam outra coisa além de ser procura” (PAZ, 2006, p.104).

1.1 O real no poético

Herdeiro do lirismo contemporâneo, Leontino soube revelar por meio de sua poesia uma sensibilidade rara e que vai se construindo e se fazendo entre um verso e outro que se pereniza e vai além da nossa essência mortal e efêmera. A cidade espacial que é a cidade real, concreta é onde o poeta vive seu cotidiano, onde busca inspiração, às vezes, em momentos e objetos aparentemente comuns aos olhos descuidados de quem não tem a sensibilidade inerente aos poetas, onde o fazer poético e a inspiração nascem nos mais singulares momentos.

A cidade poética é a cidade existencial onde os aspectos essenciais e o fazer poético estão condensados, uma cidade repleta de signos metafóricos, onde a subjetividade só pode encontrar sua vazão na poesia .

II O FLERTE (ALARANJADO)

3.

A noite desfolha o dia
estrelas trazem a rebeldia.

Por isto, de nada vale

descrever da própria vida enforcando a fé.
 Tudo existe antes do tempo.
 Tudo renasce mil vezes diferente:
 o pavor rondando nas trevas
 as lâmpadas de rua
 existindo para ninguém,
 o vinho implorando goles mais profundos.
 Inútil é negar os amargos pingos de suor.
 Inútil é querer endurecer o coração
 perante a paixão.
 Inútil é não enxergar a cor brilhante
 do perdão
 que flutua nos lençóis da emoção.
 Vai,
 alegrar a força juvenil
 escondida dentro da fecunda esperança,
 rastejar com fuzil
 esculpindo na ternura,
 na imensa ilha do prazer.

4.

Entre o pecado da lua com o sol
 o nu pereniza o alaranjado calor.
 Entre o viver na cidade
 dos mortos,
 habitado pela cinza viva
 dos seres humanos,
 melhor alijar os impulsos tumultares,
 melhor brilhar no horizonte
 de uma alcova.
 Cai,

a noite desfolha o dia
 estrelas trazem a rebeldia.

(LEONTINO FILHO, 1999, p.45)

No poema “O flerte”, o eu lírico insinua-se e dirige-se para seu interlocutor como em um jogo de paquera, elemento que já vem sinalizado pelo significado da palavra flerte, justamente – cortejar alguém, paquerar, demonstrar interesse. O eu lírico começa por chamar atenção sobre alguns fatos que são inevitáveis no percurso do dia e no correr do tempo. Por exemplo, a noite surge todos os dias num exercício de continuidade. A luz do sol e a claridade do dia não podem impedir a chegada da noite, pois ela sempre irá desfolhar o dia e o único fato peculiar da noite é que esta também possui representação luminosa através das estrelas que a povoam e se insurgem em forma de rebeldia. Tomando como base esse referencial, o eu lírico prossegue a descrição do seu poema alertando-nos sempre sobre a inevitabilidade dos fatos e sobre o modo como devemos proceder diante dos mesmos: não adianta alimentar sempre a visão pessimista das coisas, enforcando a própria fé, pois que tudo renasce

constantemente, somos programados para a mudança, para a fusão de sensações. Tudo o que existe, seja de forma concreta ou abstrata: o pavor das trevas, as lâmpadas da rua, mantém relação direta com a complexidade, com a fusão de contrários e com o aspecto do ilógico, já que as lâmpadas que iluminam a cidade, embora clareiem vários pontos, várias ruas, não existem exclusivamente para ninguém, ninguém pode sentir-se o dono desta lâmpada.

O poema nos alerta para aproveitarmos cada instante de nossas vidas, bebermos um pouco a mais quando o vinho nos implora goles mais profundos. É preciso sentir com bastante intensidade cada situação, cada momento da vida, de nada adianta negar ou disfarçar o que não pode ser negado. Diante dos sentimentos precisamos ser íntegros, se entregar ao delírio da paixão com a mesma vontade que se busca e se alcança um gesto de perdão. Tudo pode nos escapar com facilidade, por isso cada ato necessita de uma entrega absoluta, mesmo que o pudor em alguns casos queira nos mostrar o contrário. Para o eu lírico, o perdão é metaforizado em lençóis da emoção, dessa forma, um possível ato sexual impensado, casual, indevido não pode paralisar nossa jovialidade, nossa força amorosa/sexual e incutir em nosso pensamento o peso moral do pecado, pois que foi fruto da emoção. O eu lírico dá uma ordem para irmos reencontrar nossa força juvenil que está escondida na esperança, esperança essa que é propícia para a multiplicação, para a fertilidade já que esta é fecunda. Por fim, a estrofe se encerra com a proposta do eu lírico para que seu interlocutor se aproxime com intensidade, com vigor de fogo desse território que precisa ser aplainado, porém que saiba realizar tal ato também com ternura para desfrutar plenamente dessa ilha do prazer.

Na estrofe seguinte, o eu lírico, no primeiro momento, chama atenção para a complementaridade dessa cena amorosa, desse contato sexual. No entanto, os entes que estão em união são os astros (o sol e a lua). As imagens utilizadas nesse ponto atingem alto nível de luminosidade, a lua está em contato com o sol, numa união que gera o pecado, porém é esse mesmo pecado o elemento que pereniza o calor das sensações, que por sua vez é de aspecto alaranjado. A imagem dessa cena descrita pelo eu lírico reflete o brilho, calor, cor vibrante (alaranjada) para significar especialmente o aspecto de durabilidade e de brilho intenso desse nu que brotou da união dos astros. Por fim, num jogo paradoxal que problematiza nossa existência, nossas relações humanas, o eu lírico afirma com segurança que entre viver na cidade dos mortos que é habitada pela cinza viva dos seres humanos, o melhor que se tem a fazer é desprender-se das falsas convenções de comportamento, do suposto jogo de uniformidade de nossas ações. Fechamento, ausência de brilho, frieza. E mais ainda devemos brilhar é no horizonte da alcova, ou seja, no recinto do quarto, no esconderijo,

experimentando nossa própria intimidade. Mais uma vez a noite desfolha o dia, e as estrelas trazem a rebeldia, é preciso aproveitar a vida, perenizar os instantes, principalmente os instantes prazerosos.

2 . O ESPAÇO COMO MEMÓRIA POÉTICA

Para compreender a poética R. Leontino Filho é preciso analisar o espaço não só como espaço físico, mas principalmente como espaço poético que nasce a partir memória do autor/leitor, que será revelado através das imagens presentes em toda a obra *Cidade íntima*. Por vezes, a imagem que representa um objeto singular, sem significação alguma, passa a adquirir um significado amplo, repleto de subjetividade e sentimentos, como explica Bachelard (1993), uma simples imagem — não deixa de ter uma grande repercussão psíquica, a interpretação vai partir da consciência individual de cada ser.

Para tomarmos a cidade como espaço poético “é preciso superar o problema da descrição seja ela objetiva ou subjetiva” (BACHELARD, 1993, p.200) em todas as cidades sejam elas grandes ou pequenas tem o mesmo objetivo, inicialmente seria antes de qualquer coisa a proteção “no principio era o recinto, sagrado ou defensivo – ou as duas coisas ao mesmo tempo” (RECKERT, 1985, p.12). Falando de significados metafóricos a cidade pode ser o lugar de proteção e guarda, também pode se tornar o lugar que oprime e reprime, se a “fuga” não for possível à cidade torna-se prisão. Em *Cidade íntima*, essa cidade não é só para o poeta a cidade geográfica e sim a cidade como espaço da memória poética, o poeta sofre por estar longe de sua cidade ou sofre por se sentir preso à mesma, assim como a cidade é um centro de convivência da sociedade o nosso íntimo visto como *Cidade íntima* e o centro de convivência dos nossos sentimentos e emoções mais profundos. “De fato, a perda do centro vivencial é ela mesma, regra geral, uma metáfora da perda íntima e irrecuperável sofrida por quem a lamenta, e causada pela ‘mudança’ que o tempo operou tanto nele como no tal centro”. (RECKERT, 1985, p. 20) Sendo assim, ao sair de sua cidade o poeta também sofre uma perda não só do espaço físico, mas do espaço como memória afetiva. Graças à cidade é que parte de nossas memórias ficam guardadas e não é através dessas memórias que retornamos à cidade, mas é por meio da cidade que essas memórias vêm a tona, como se todas as nossas lembranças estivessem de alguma forma contidas na cidade. A imagem poética não está submetida a um impulso. É pela explosão da imagem que o passado vem à tona em forma de ecos, muitas vezes de modo tão profundo que se torna impossível apreendê-lo em sua totalidade.

Com uma poesia onde significado e significante se fundem para que a metáfora da cidade se construa por meio de imagens que misturam os espaços reais e imaginários, o poeta transforma momentos muitas vezes desprezíveis em uma teia de que revela a poesia existente nessas múltiplas cidades metafóricas.

Cidade íntima possibilita-nos perceber as diferentes cidades que nos rodeiam, mostrando essa dualidade entre a cidade espaço e a cidade memória. A partir dessa incursão na cidade poética passamos a refletir sobre a existência humana com todas suas contradições que passam do concreto para o abstrato, do que é essencial ao supérfluo da vida cotidiana.

O haicai “Evoluções” 1-10 questiona a condição do poeta e do mundo que o cerca.

Evoluções

o sol na varanda
loucura
a vida se esparrama

pedras sobre vidraças
aquecem
a luminosa prece

(LEONTINO FILHO, 1999 p.12)

A partir do seu título “Evoluções”, percebemos um movimento do tempo em torno do olhar do poeta que utiliza a natureza como imagens que projetam seus sentimentos em uma pluralidade de sentidos, uma infinidade de pensamentos em poucas palavras. O poema nasce e nos é apresentado como um percurso da vida ao longo do dia, o sol que nasce todas as manhãs e a vida que se esparrama, como se fosse do nascer ao anoitecer do dia, como se todo dia nos apresentasse um novo recomeço, uma nova oportunidade. E assim, “a poesia canta o que está acontecendo; sua função é dar forma e fazer visível a vida cotidiana” (PAZ, 1993, p. 125). Na segunda estrofe, o eu lírico sente que mesmo com as pedras vistas como percalços pelo qual passamos na vida, o nascer de um dia é como uma prece que nos impulsiona na busca de um florescer luminoso.

madrugada
chuva fina
esta lição de vida
em mim

teu horizonte
espelha demais
ardentes desejos

paz
(LEONTINO FILHO, 1999, p.13)

Aqui, a partir da construção do poema, o poeta pode externar os seus anseios, desejos e vontades que são refletidos através da mulher amada, o eu lírico espera por paz, e esse desejo já não é calmo como a chuva fina, essa vontade arde em seu íntimo, como se o desejo de paz fosse tão grande como a volúpia pela mulher amada.

tropeços
desposam lábios
 pupilas
o sono futuro
 a cair

borboleta abatida
 flutua
tarda ausência tua

(LEONTINO FILHO, 1999, p.14)

Por comportamento insensato, o eu lírico desposou lábios, que de alguma forma lhe tirou o sono, utilizando dualidades das imagens presentes ao longo do poema, quando o poeta diz “pupilas”, levando em conta as possibilidades significativas, pode-se inferir várias perspectivas de análises para uma só palavra/imagem. Partindo para termos gramaticais “pupilas” pode significar a protegida, aquela que está sob a tutela do eu lírico, assim como a pupila do olho fica no centro do olho e regula a quantidade de luz que entra nos olhos. Para o eu lírico, a mulher amada está no centro de sua existência e é através dela que a luz entra em sua vida. Por ser um poema haicai ou por vontade poética, todo o poema é permeado de natureza e é por meio dela que o poeta expressa seus sentimentos e desejos, assim como a borboleta que mesmo abatida encontra forças para alçar voo e flutuar. O eu lírico, mesmo abatido, é impulsionado a se levantar, a superar a ausência do ser amado, nos fala que já é tarde para separação, não há mais tempo para distância, ele reclama essa tardia separação.

vontade fugaz
quis a doce volúpia
todo jazz

adorno fragmentados
em teu olhar
ecos ferem
meus momentos

(LEONTINO FILHO, 1999 p.15)

Assim como o jazz, o sentimento do eu lírico não se apega a forma ou a nenhuma estrutura, porém mesmo sendo efêmero e transitório não deixa de proporcionar grande prazer aos sentidos, que é ao mesmo tempo lascívia e contentamento espiritual.

Aquilo que tornava belo o olhar do ser amado foi repartido em pedaços, e as lembranças vêm como ecos ferindo o eu lírico, o que era belo agora fere, a cidade do poeta agora é lembrança de algo vivido com intensidade, mas que se perdeu, fragmentou-se, porém não deixando de vir à tona, aflorar tirando a paz do eu lírico.

gritos sufocados pela magia
 anjos
 anos
 anodia

preso à aurora
 o casulo
 até a paixão devora

(LEONTINO FILHO, 1999, p. 16)

A cidade agora e a da memória, transmitida por meio de imagens com diferentes significações poéticas, são gritos pronunciados sem clareza, sufocados pelo passar dos anos, que emergem na lembrança do eu lírico, recordações de momentos mágicos, de certo modo divinos, rodeados e protegidos por anjos, o poeta se utiliza imagens para expressar o que é sentido por ele. “a imagem poética emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade”. (BACHELARD, 1993, p. 184).

Assim como a lagarta passa pela evolução do casulo para se tornar borboleta, o amor passa pelo estagio da paixão para se tornar amor, a aurora é um estagio do amanhecer onde se espera pelo sol, o poeta termina o poema como se o mesmo não tivesse um final, levando em conta o título nossas evoluções são contínuas, jamais cessam, “as evoluções representam os movimentos de fragmentos humanos existenciais; a divisão de seus moradores íntimos, que buscam incessantemente a concretização de sonhos e desejos conscientes e inconscientes” (OLIVEIRA 2002 s/p) o desejo que permeia todo o poema é o desejo de paz, como se a vida fosse uma constante evolução, e o estagio final desta evolução é o encontro com a plenitude que só essa paz é capaz de proporcionar.

2.1. Ecos da memória

Em toda a obra *Cidade íntima*, as imagens nascem a partir dos ecos da memória, que nos é apresentada por meio de um discurso memorialista e a escolha minuciosa de técnicas que colocam o texto em uma ordem que proporciona grande prazer na leitura, com um jogo retórico/poético que muitas vezes encobrem o seu objeto por meio de imagens que devem ser reveladas através de uma linguagem muitas vezes turva e com dupla significação. “A poesia é a memória feita imagem e está convertida em voz” (PAZ, 1993, p. 144).

Esse espaço como memória poética nasce por meio da subjetividade, é a nossa “cidade” interna refletida por meio das imagens que brotam do subconsciente do autor/leitor. Em *Cidade íntima*, a memória em nosso subconsciente emerge em lembrança por meio de objetos singulares. O mesmo acontece quando retornamos as nossas cidades natais é como se todas as nossas memórias estivessem resguardadas na cidade. Como se a cidade é que trouxesse essas memórias a tona e não as memórias que fizessem voltarmos à cidade. A imagem vista como cidade tem significações diferentes que é submetida a interpretação interior de cada um, lembrando que não devemos tomar a imagem como objeto, espera-se uma leitura sensível da obra *Cidade íntima*.

pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica. É preciso para isso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética. Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões.

(BACHELARD, 1993, p. 85)

A cidade vista como memória poética e que está presente na obra estudada nasce, a partir das reminiscências que passa do autor para o leitor no qual o ato de construção dessa cidade e muitas vezes nem chega a ser uma cidade propriamente dita e sim uma criação nascida da memória poética. “Uma cidade cravada de signos e significações fundidos metaforicamente no lugar mitificado dos poemas (espaço/ corpo) de *Cidade íntima*” (PONTES, 2006 p. 84)

Da pátria

Ante o aconchego da pátria
quis um abraço divino
do irmão - sofredor em plena aurora.

Pátria
 carrossel de incertezas
 relógio parado
 fusão entre caminhos e raio
 adelgaça tuas raízes
 e cede ao povo
 a fragrância
 fumaça
 da rebelião
 desfraldada na justiça

Pátria
 queima a fadiga
 burguesa
 da justiça
 que prolonga o sofrimento do povo
 recém-chegado para a noite
 mais terna
 onde se guarda o arco-íris
 onde se quis a selva
 dos desejos da infância.

Pátria
 diamante de sumo
 da paz
 traz a vida.
 (LEONTINO FILHO, 1999, p. 25)

No poema “Da pátria”, encontramos o referente espacial de moradia do eu lírico explícito a partir do título do poema, bem como ao longo de todo desenvolvimento do texto. Essa pátria pode ser sua cidade natal e ao mesmo tempo o país na qual se localiza essa cidade. Quando diante desse lugar descrito no poema, dessa pátria lugar de origem o eu lírico quis apenas no primeiro momento sentir o abraço do irmão, como se esse abraço simbolizasse toda a relação de ternura e amor que há entre o eu – lírico e esse lugar, como se tudo fosse um devaneio, um sonho. “É através do sonho, que o poeta nos introduz numa das grandes manifestações de sua inquietude: a busca do passado, através da família e da paisagem natal”. (CANDIDO 1991, p.109) Esta cena revela também um tom melancólico, pois o abraço ocorre ao mesmo tempo em que o irmão sofre no despontar do dia, em plena aurora.

Em seguida, o eu lírico descreve as características da pátria com base no uso de diversas metáforas que compõem as imagens presentes no poema. A pátria agora é vista em sua amplitude, ela significa o lugar que abriga todo o povo. Esse lugar, porém, é repleto de desigualdade, incoerência, parasitismo. O eu lírico atribui a esse lugar diversas características: lugar do incerto (carrossel de incertezas), a inação (relógio parado), o dualismo da fusão,

(caminhos e raio). Todos esses fatores contribuem na elaboração do efeito de sentido contraditório no decorrer da estrofe e será recorrente em todo o poema. Depois de apresentar as características da pátria, o eu lírico nos incita a perceber sobre o modo como esta pátria procede, e afirma: *adelgaça tuas raízes/e cede ao povo/ a fragrância/fumaça/da rebelião*, ou seja, o eu lírico se dirige a sua pátria no intuito de nos revelar que esta é capaz de contornar a si mesma, afinar aquilo que está na sua base e que lhe dá originalidade. Desse modo, projeta a si mesma e mostra ao seu povo que este pode se rebelar, clamar por direitos, fazer revoluções, porém estas são apenas ilusórias, não tem consistência e não alcançarão resultado algum, já que são apenas fragrâncias, fumaças. Não passa de uma forma velada de dar voz ao povo e incentivá-lo a lutar por justiça. A justiça não será alcançada é mais um ponto de contradição do poema, as possíveis ações empreendidas pelo povo irá desembocar apenas num ideal de justiça, ideal esse que se apresenta como algo solto, não possui rumo nem coerência.

Na terceira estrofe, o eu lírico se dirige mais uma vez à pátria como uma nação. A pátria agora tem o poder de queimar a fadiga da burguesia que se autoproclama a líder na busca da justiça. Como o texto poético é o texto mais rico em significados, principalmente quando se trata de uma única palavra, podemos interpretar o verbo queimar no início da estrofe como sendo a ação natural da pátria com relação ao sistema burguês, - na cadeia da temporalidade esse sistema será extinto - e ao mesmo tempo podemos interpretar como gesto imediato exigido pelo eu lírico pedindo a pátria que esta queime com urgência aquilo que não lhe convém. A falsa ideia de justiça reivindicada pela burguesia somente prolonga o sofrimento do povo, que na verdade aguarda ansiosamente por outros ideais, por causas mais nobres e que estão perdidas na noite terna. Dentro da noite, as pessoas esperam pelo arco – íris, ou seja, pelo que há de mais belo e mais colorido na vida. Desse modo, poderão ser transportadas novamente para sua infância, lugar dos sonhos livres, ilimitados e onde todos os desejos podem ser satisfeitos. “a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas” (BACHELARD, 1993, p. 94)

O poeta termina o poema com a ideia que se seguiu durante toda a sua leitura, a paz é o que a pátria tem de mais precioso o que ela possui de mais essencial, a paz é busca constante do eu poeta em todo o livro, e está presente na diferentes cidades vivenciadas por ele.

IV
A PALAVRA
(VERDE)

7.

A palavra é o retrato guardando o fascínio das horas.
A palavra é o começo inesquecível gritando
as coisas, as mentiras,
as joias tecendo a hipocrisia.
A palavra é a existência, a fornalha surdindo na insônia.
E a humanidade conhece a distancia para o sacrifício,
só a palavra salva de fulminante derrota,
os homens se enganam exilando suas paixões,
os homens se espantam cavalgando suas tristezas
só a palavra circula entre as lagrimas,
os homens se afundam clamando por suas sombras,
os homens se emocionam percorrendo suas vitórias.
Assim é a rota do viajante.

Ah, mulher – a incredulidade do abraço
é a fronteira por onde passo.

8.

Quando a história nega, nega a fome, a sede,
os heróis perdem o direito à lembrança;
falta confiança diante da insanidade,
jamais a injustiça será aplacada com a insensatez,
a corrida terá apenas um desfecho cruel:
feridas, chagas abertas no peito do homem,
o verde de nada adianta
será insuficiente, quando o homem se refugiar nas guerras,
será desprezível, quando demonstrar
sua impotência para o sonho.
Não, todos os homens, talvez, voltem a viver
o significado da paz
(fios dourados de esperança, néctar da felicidade)
Em breve, tudo será possível.

Ah, mulher – a incredulidade do abraço
é a fronteira por onde passo.

(LEONTINO FILHO, 1999, p.45)

A palavra associada à cor verde significa a liberdade e esperança para o eu lírico, assim como a cor, a palavra consegue trazer o equilíbrio entre corpo e mente e só por meio dela ele adquire a renovação e plenitude. Na primeira estrofe, há uma espécie de anáfora que repete varias vezes a ideia de que só por meio da palavra que o homem pode adquirir a verdadeira paz. O “que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra tanto como sua luta por transcendê-la” (PAZ, 1993, p. 52).

É por meio da poesia, que *a palavra guarda o fascínio das horas* e para o eu lírico isso causa um profundo deslumbramento e encantamento. *A palavra é o começo...* Remete-

nos para “no principio era o verbo e o verbo se fez carne” no começo é a palavra e a palavra se fez poema, e ela grita, denuncia as coisas, como a mentira que é joia fundamental para hipocrisia.

Só por meio da palavra, o homem passa a existir plenamente, e ela é como fogo a queimar o eu lírico em noites insones, foi por meio dela que a humanidade pode conhecer seu passado e evitar os erros cometidos e assim tentar evitar derrotas futuras. O eu lírico afirma que o homem que bane suas paixões, que as degrada no seu íntimo está se enganando e acaba se surpreendendo quando se veem galgando em suas tristezas, o preço para quem não vivencia suas paixões é a tristeza solitária da mudez de palavras.

Quando se fala de aprender a verdade, pensa-se nos livros. Mas os livros são feitos de palavras. As palavras é claro, tem um valor. O sentido das palavras reside no seu sentido que ocultam. Ora, este sentido não é senão um esforço para alcançar algo que não pode ser alcançado realmente pelas palavras. (PAZ, 1993, p. 43).

Só as palavras são capazes de nos acompanhar nas horas tristes e é por meio dela que o poeta externaliza suas emoções e sentimentos. “O poema é um tecido de palavras perfeitamente datáveis e um ato anterior a todas as datas: o ato original com que toda história social ou individual” (PAZ, 1993, p. 52).

O eu lírico profere que a palavra é o itinerário percorrido pelo viajante, e essa viagem é realizada por meio da palavra. A primeira estrofe é finalizada por uma frase que funciona como um refrão do poema que retoma sempre uma mesma ideia, como se em meio a um suspiro o eu lírico evoca a mulher e diante dela as palavras já não são necessárias, e a fronteira que o eu lírico atravessa já não é a fronteira física é a do abraço da mulher.

No início da segunda estrofe, o eu lírico afirma que quando o homem nega sua história e afirma que os sem o conhecimento dos acontecimentos vivenciados na história passada o homem corre o risco de repeti-la, e esse conhecimento só é passado fielmente por meio da palavra. Sem o auxílio da palavra, muitos heróis são esquecidos e perdem o direito as lembranças perpassadas através da história. “Ao desfigurar-se o futuro, a história cessa de justificar nosso presente. A pergunta que o poema se faz – quem é que diz isto que digo e a quem o diz? – abarca o poeta e o leitor. A separação do poeta terminou”. (PAZ, 2006, p.122) Quando as coisas estão escondidas ou negadas pelas narrativas da história e por inconvenientes que geram a injustiça, o desengano, de nada adianta acreditar na esperança (verde) de um novo dia, de uma nova vida.

O homem que corre em busca de uma nova trajetória, só produz chagas em seu próprio peito. A alternativa da guerra como resolução de conflitos distancia mais ainda o homem do seu ideal de justiça e igualdade, tudo isso impede mais uma vez a chegada da esperança (verde), pois que este já não é mais capaz de sonhar.

A injustiça jamais será aplacada pela insensatez, impossível confiar no que é insano, e o desfecho para esse agir insensato é desumano, sem a liberdade da palavra o homem permanece preso e essa prisão é como as chagas abertas em seu peito e que só a paz é capaz de cicatrizar. A paz que só é alcançada quando conhecendo seu passado e buscando inspiração nos heróis que se encontram esquecidos na história, o homem passará a não cometer a insensatez cometida por falta de conhecimento da própria história.

Por fim, o eu lírico refaz o seu raciocínio e diz que a esperança poderá ser retomada, pois existe a possibilidade dos homens compreenderem o significado da paz. O verde agora é a paz e é o néctar da felicidade. Tudo será possível, por isso ele consegue superar o abraço incrédulo para atravessar seu caminho. A repetição no final de cada estrofe dá ênfase ao que é proferido pelo eu lírico.

O poeta toca de novo conscientemente a corda que estava soando espontânea em seu coração e escuta o tom pela segunda, terceira, quarta e quinta vezes. O que lhe escapa como linguagem reproduz o mesmo clima anímico, possibilitando uma volta ao momento da inspiração lírica. (STAIGER,1997, p.15)

Assim como o verde presente no poema, o livro *Cidade Íntima* vem como um sopro de esperança no nosso cotidiano, pois o poeta tem uma visão diferente do mundo, as imagens adquirem nova significação através da capacidade do poeta de ver as coisas de uma maneira de expressão autêntica. “As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão de sua visão e experiência do mundo.” (PAZ, 1993, p. 45).

3. A CIDADE COMO LABIRINTO DA INTIMIDADE

A partir deste capítulo, passo a analisar os aspectos que conferem à poética de *Cidade íntima* a característica de ambiente interno, da morada interna, a qual o sujeito lírico vê-se inserido. Há um processo de simbiose imagética que se estabelece a partir da junção da cidade refúgio (corpo da mulher amada) e da cidade memória, a qual o eu lírico precisa estar revisitando para construir o seu ideal de pertencimento ao universo temático do poema. No jogo discursivo apresentado ao longo do poema as metáforas tecem redes que estabelecem o plano da subjetividade que condiciona o objeto da moradia.

Através da materialização da estrutura do significante e do significado como fluxo mediador da nova realidade apresentada pelo poema, o eu lírico anuncia a criação da convergência de dois espaços pertencentes a sua memória como lembrança acesa pelo retorno às suas raízes. “Nesse jogo, a poesia, forma superior de sublimação na arte, proporciona o resgate das imagens conscientes e inconscientes que povoam a cosmovisão do poeta.” (PONTES, 2006, p.82).

O poeta nos faz mergulhar neste labirinto que é a nossa intimidade, dentre as diferentes memórias que evocam as cidades subjetivas que nos cerca. Uma com maior significação é a que representa o ser amado, que nesta obra ganha a dimensão de mulher amada, porém a visão do poeta está distante daquela visão romântica, visto que foge do lugar comum em busca da imagem reveladora. A poesia presente neste livro tem sempre uma ideia de porvir, o eu lírico espera, em uma procura constante da mulher amada, onde o velar-se e desvelar-se da sua imagem no poema seja a busca do eu/ poeta do que lhe falta, a outra metade.

II
Eis
mais uma vez
a musa serena, louca e desvairada
cavalgo, cavalgo, preciso cavalgar
teu ser, boca de prazer
(cidade do poeta)
fornalha que arde e não se apaga
com o sorriso de menina que possuis.

E deslizo na realidade do teu rosto
realidade de menina que vaga nas praças
que rompe toda paz de milênios
despertando em mim
sensações estranhas de viver

alimentadas por outras vontades.

Daqui,
o coração indaga
mergulha no abandono azul das palavras
quando por entre sons
reclamo
para mim
lá fora
é dentro do teu corpo
e o abismo do teu ventre
é mais sereno
que o orvalhar do meu pranto.

(LEONTINO FILHO, 1999, p.19)

Ao analisarmos a poesia de Leontino Filho, não devemos atribuir aos objetos somente o seu sentido tradicional e literal, como passaremos a observar no poema em questão. A cidade agora, já não é a espacial e concreta, mas sim a cidade do poeta vista de maneira subjetiva. O eu lírico utiliza-se da metáfora para comparar a mulher amada à musa que é inspiração, assim como ele habita de maneira carnal na mulher por ele amada. Ao longo de toda a feitura do poema, não há distinção entre as duas, mulher e cidade, “cavalgo, cavalgo, preciso cavalgar/
teu ser, boca de prazer/ (cidade do poeta)”. E mais a frente, observa no rosto da mulher o rosto da cidade. “E deslizo na realidade do teu rosto/ realidade de menina que vaga nas praças.”

Na primeira estrofe, as imagens da mulher e da cidade são singelas, mas evocam o turbilhão de prazer proporcionado pelas partes do corpo que acendem o desejo. A cidade agora é pousada de prazer, fogo/ desejo que não se apaga, o ato do fazer poético se duplica na memória do amor denso e leve como o sorriso da menina.

Na segunda estrofe as imagens se misturam em toda uma teia de significados que decifram todos os sentimentos e dualidades presente no poema, o estado em que se apresenta o eu lírico é de transe, ele se vê hipnotizado pela presença da menina que rompe sua paz ao mesmo tempo em que o poeta vivencia a realidade da criação poética. Para o eu lírico, a cidade é rosto, face da inspiração, que chega rompendo a paz sem hora nem lugar, a cidade é menina que vaga nas praças despertando sentimentos e alimentando vontades, sendo ao mesmo tempo desejo de criação e de posse.

Na terceira estrofe, o eu lírico menciona a mulher amada como cidade – corpo que ele habita, para se sentir plenamente realizado. A união amorosa/sexual representa todo universo simbólico que está presente na intimidade do eu lírico. Ela é um dos componentes da

cidade íntima, onde fora dela o eu lírico reclama se indaga e mergulha no abandono azul das palavras, que partindo do seu sentido literal significa a tranquilidade, serenidade e harmonia.

3.1. Mulher, minha cidade íntima.

Ao voltar ao passado, o poeta invoca uma cidade sentimental. Ruas, casas, praças que são feitas de memória e reconstruídas no papel. Essa cidade não existe mais, tudo foi transformado pelo tempo. Mas a cidade íntima, que vem com a mulher amada, conduz ao caminho primeiro do poeta no mundo.

É lá que o poeta inicia sua trajetória de guardar aquilo que a memória vai lembrar. O mundo de hoje é distante, perdeu os laços com o passado. Em um mundo carente de leveza onde a humanidade tem tão pouco para se deleitar, a poesia nasce como um acalento no meio de tanto caos, assim como a poesia não deve ser explicada e sim sentida. *Cidade íntima* é uma viagem que o poeta faz ao seu interior, em busca de explicações para seus desejos, demandas e interrogações que só são saciadas pela poesia que proporciona o verdadeiro encontro com o seu eu.

Com uma visão única do objeto/ imagem, Leontino passa para o leitor toda sua visão poética de mundo, condensada em suas cidades íntimas, com uma poesia simples, porém permeada de recortes fiados na teia da complexidade da matéria poética. Essa poesia atenta sempre para a imensidão de significados das imagens que viram um quebra cabeças, onde o poeta brinca de inventar e reinventar novas realidades para as diferentes cidades que o rodeiam.

A imagem resulta escandalosa porque desafia o princípio de contradição: o pesado é o leveiro. Ao enunciar a identidade dos contrários, atenta contra os fundamentos do nosso pensar. Portanto, a realidade poética da imagem não pode aspirar à verdade. O poema não diz o que é e sim o que poderia ser. (PAZ, 2006, p.38)

Mesmo com a suavidade da linguagem, a poesia de *Cidade íntima* é permeada de contrastes entre o que é leve e o pesado, o que real e que nasce a partir do imaginário. O poeta projeta na sua poesia uma duplicidade do eu lírico que ora visita a cidade do passado ora a mulher amada, não existindo nessa duplicidade uma separação.

Cidade Íntima contribui com sua retórica poética para converter as cicatrizes do mundo contemporâneo em perspectivas luminosas e impulsos existenciais assemelhados a canções de amor e de contentamento, sendo que nessa obra o próprio autor se transporta para obra como indivíduo do discurso. (Barros Alves, 2015)

Uma das cidades metafóricas que permeia o universo de *Cidade íntima* é o da mulher amada como a cidade pela qual o eu lírico experimenta emoções. A lembrança do aconchego, o sentimento de paz, a permanência da imagem da mulher amada produzem uma volta aos primeiros sentimentos experimentados no útero materno, onde o acalanto e paz eram sentimentos permanentes do homem/ feto. A “mulher é a cidade anímica e dirige sua bússola emocional. Deixa rastros e vínculos espirituais. Casulo e ventania nos campos. Desloca-se e persegue o poeta pelas estradas das cidades desertas.” (PONTES, 2006, p.81).

I

Visito
a metafórica cidade do poeta
casas
ruas
cristais
esculpidos na vasta armadilha
sideral da mulher por ele amada

Equilíbrio
as doses amargas do vinho
trajetória abandonada no fundo
da água
do mar
do espaço
cercas que brincam com a frágil
lâmina da árvore descalça

Singro
ilhas condenadas ao exílio
inferno
céu
dentes imutáveis, folhas opacas
tempestades
voos grudados no seio da poesia

A brincadeira é leve
como leve é o estouro
da inspiração
Molham-se os pequenos jogos
quando o universo
do verso é descoberto

(LEONTINO FILHO, 1999, p.18)

Começo a análise deste poema, partindo do princípio de que a cidade agora é a cidade metafórica do poeta, as casas, as ruas são anímicas. Para o eu lírico, essas imagens trazem a tona além das ruas a lembrança da mulher amada. “A cidade origem e a mulher jamais serão a mesma, uma está contida na outra, e se desloca acompanhada da outra, paralela, tempo adentro, emparelhadas no poema.” (PONTES, 2006, p.81). A cidade berço é sempre revisitada pelo eu lírico por meio da mulher amada, as lembranças da cidade berço estão agora gravadas naquela por ele escolhida, ela atrai e prende o eu lírico por meio de artifícios traiçoeiros para percorrer essa cidade que é berço, agora condensada de maneira poética e física na mulher amada.

A cidade do eu lírico é caminho, é equilíbrio entre o que a vida tem de negativo e positivo, o caminho que deve ser aproveitado, degustado mesmo tendo que equilibrar as sensações e sentimentos, não importa o amargor do vinho, mas sim o prazer proporcionado pelo seu degustar. A cidade é trajetória que é/ foi percorrida pelo eu lírico e para ele mais importante não é o fim do caminho, mas o caminho em si. Para situar melhor a análise, é preciso atentar para as dualidades presentes nas imagens contidas no poema, a mulher é o motivo pelo qual o poeta visita o espaço de ruas, casas, cristais que invocam um tempo de vivências perdidas, como na metáfora da “lâmina de árvore”, a lâmina como casca que a árvore perde para renascer, a casca como metáfora de tudo que tem de ser perdido para se renovar, o velho que dá lugar ao novo, ou lâmina com a qual a árvore é cortada/ podada de maneira brusca, metáfora do que perdemos de modo violento, a perda da cidade natal é metáfora para perda íntima e irrecuperável sofrida pelo eu lírico, onde as mudanças sofridas tanto por ele quanto pela cidade são irreversíveis, os dois já não são os mesmos, onde um não é mais que uma lembrança contida no outro.

O eu lírico nos revela, por meio do poema, que a poesia é navegar em uma direção determinada que possa nos levar ao degredo, porém essa solidão vivenciada pelo eu lírico não é de toda negativa nasce sempre por meio de um paradoxo entre o inferno e o céu, uma tensão de um eterno porvir, de imagens que nos revelam o incessante transmutar das coisas. O eu lírico é como folha seca que alça voo através da poesia e por meio dela sua alma se liberta.

Depois de percorrer a cidade metafórica e atribuir-lhe um novo sentido, o poeta se debruça sobre o próprio processo da criação do poema. Quando o universo do verso é descoberto o significado poético se torna abrangente, a cidade é reinventada. É o verso que revela num primeiro momento a mensagem implícita na poesia, no entanto somente quando este é descoberto (quando visto pelo leitor e quando visto na sua atribuição conotativa) poderemos encontrar o caminho necessário para sua compreensão.

A configuração

(vermelho)

1.

Guarnecido pela rústica aparência do paraíso
atalho o eco – o sonho se desfaz
em imutáveis colorações.

Abandonada pérola, o olhar acaricia
a beleza do mundo,
lábios que buscam o teu sabor,
perdidos momentos – trajetórias do adeus.

Todavia,
contraceno com a tua boca – infinita perdição,
molho o rosto no teu indivisível desejo,
beijo os seios – grudados em mim.

Aflora

O brilho deste instante.

Rompem as cores
ai de quem não ver!

(LEONTINO FILHO, 1999, p, 44)

Retirado do bloco intitulado “Arco-íris”, o poema “A configuração” abriga a sensualidade do beijo, as carícias que levam à “infinita perdição”, boca e seios atraídos pelo beijo e a sugestão do amor que brilha. Só o poeta vê, mas adverte: ai de quem não ver!

Ao longo do poema, a mulher se torna presente e as imagens do desejo se mostram através dos lábios, da boca, do rosto, dos seios, tudo envolto numa magia que seduz o poeta e o torna refém da beleza da mulher. A atenção para partes do corpo ligadas ao estímulo do beijo revela a ânsia de posse, de um desejo que explode no brilho do instante.

Neste poema, o ato final culmina no coito como metáfora para criação poética. O vermelho presente no título do poema está presente em cada traço, em cada palavra, o vermelho é a chama que mantém vivo o anseio do eu lírico pelo corpo amado e o desejo do poeta pelo fazer poético. Beijar os seios da mulher amada aflora o desejo do eu lírico, assim como a inspiração para o poeta é beijar o seio da poesia. A poesia está em tudo e o poeta consegue ver poesia nas coisas mais cotidianas da vida, um objeto aparentemente singular ganha grande significação poética nas mãos habilidosas de um poeta. “Nos poemas se manifestam forças que não passam pelos circuitos de um saber.” (BACHELARD p. 186, 1993)

2.

À luz de um,
vou construindo a perigosa travessia do pudor.
Outras vezes, acreditava na loucura
e via a insequente mentira da razão.
Soterrada verdades
atreladas ao meu frenesi.

Luzes que indagam por mim:
 mar, mulher, água, menina,
 armadilhas, o arco
 vermelho
 árvore atemporal
 recompondo o caos da humana raça.
 Rompem as cores
 Ai de quem não ver!
 (LEONTINO FILHO, 1999, p.44)

O poema vai sendo construído por meio de imagens aparentemente contraditórias; durante a travessia, o eu lírico encontra confiança naquilo que ele julgava insano, louco. “o poema é uma unidade que só consegue constituir-se pela plena fusão de contrários” (PAZ, 2006 p.55). Para o eu lírico viver sempre sobre a luz da razão é inconsequente mentira, não há razão no amor ou na poesia.

Escrever poesias é, portanto, dentro deste raciocínio, mergulhar em busca da melhor semelhança entre aquilo que é captado pelos sentidos e as palavras que melhor possam expressar-lhes. Escrever poesias é demonstrar a habilidade em expor este estado sublime de entendimento. (COELHO, 2004 s/ p).

As verdades estão encobertas, soterradas e estas verdades estão ligadas ao eu lírico e atreladas a ele de maneira violenta que causa inquietação em seu espírito. Agora o arco-íris se transmuta na intensidade da cor vermelha e as luzes dessas cores interrogam o eu lírico, a mulher é metáfora para mar, ela é forte, arrebatadora, preenche os lugares, enquanto a menina é metáfora para água ela é calma, serena que percorre tranquila na do cidade do eu lírico, porém não existe separação entre a menina e a mulher uma esta contida na outra.

Assim como em seu início, o fim do poema traz marcas do que é divino, a cidade tem algo de celestial, a árvore atemporal é metáfora para a poesia, a poesia não passa, não há tempo, ela evoca aquilo que o “eu” tem de mais alegórico, atemporal, subjetivo e tudo isso através de associações imagéticas. Só a poesia é capaz de reconstituir o caos da raça humana, só ela é capaz de salvar o mundo do caos em que se encontra. “O poema nos faz recordar o que esquecemos: o que somos realmente” (PAZ, 2006 p.47)

Nenhum sentimento é capaz de atribuir à cidade todos os seus aspectos íntimos quanto o sentimento do amor, que na obra *Cidade íntima* ganha diferentes dimensões, sendo metáforas para poesia, semente e mulher como refúgio.

Do amor

Plantei sementes por toda nossa vida
e deixei-as a florescer por canteiros diversos.
Não desejei trazer felicidades enfraquecidas
apenas canções de amor
que saem dos subterrâneos do homem
procurando corais amigos
-residência de pássaros noturnos
cantores da peluda paixão do tempo.

Nada mais queria
contudo, sorria pelos caminhos solitários
tragando amor em cada trincheira.
Retive raios fumegantes a nos perturbar
para que depois
pudéssemos amar toda a existência
mas vi que o depois não se realiza
na vontade deixada de lado
que o depois é o agora
prestes a acontecer
e que o amor – ébano companheiro
já existe antes do nosso medo.

Quando então, partiremos com este nome
latejando, perdido a nossa procura?
Quando sorriremos sem receio de chorar
certezas de amar?
Duvido das certezas
listas negras a despedaçar a vida
- e construo países
que desconhecem a mentira
a vaidade
o rancor (triste fim de quem não ama)
a glória
o poder
o erro (condenação de quem acerta)
países que
somente conhecem as sementes do amor
espalhadas todos os dias
nos jardins que nascem
dentro de nos
e morrem sem o nosso amor.

(LEONTINO FILHO, 1991, p. 28/29)

Como diria Mário Quintana, todos os poemas são de amor, porém o amor presente neste poema está longe de ser um amor romântico, “A poesia moderna é o Romantismo desromantizado.” (CRUZ, 1978, p. 30) Ele é semente que o eu lírico plantou durante toda sua vida em canteiros diversos da cidade e essas sementes metaforizadas no amor são o elo que une a cidade espacial e a poética. O amor é a semente que é plantada pelo poeta por meio da poesia.

O poeta espera que a poesia plantada nos corações humanos não traga somente felicidades efêmeras, mas que seja fortalecida como são as canções de amor que nascem no interior de cada homem. Assim como os peixes que buscam corais amigos para se refugiar, o eu lírico encontra na cidade o seu refúgio. No fim da primeira estrofe, o amor se transfigura em refúgio de pássaros noturnos, metáfora para mulher como refúgio.

Na segunda estrofe, o eu lírico começa dizendo que não quer mais nada, mesmo solitário ele nos diz para seguirmos os nossos caminhos sorrindo, ele está a buscar o amor com toda avidez e em todos os lugares. O eu lírico continua a dizer que “ retive raios fumegantes a nos perturbar” metáfora para o desejo sentido, mas que foi deixado para ser vivido depois, porém ele acaba descobrindo que o “ depois não se realiza” o desejo deve ser vivenciado no momento em que é sentido, e nem sempre existe outra chance.

O medo é companheiro que muitas vezes impede o eu lírico de vivenciar plenamente o amor, temática sempre presente na obra *Cidade íntima* é a do devir, o prestes a acontecer, o amor não pode acontecer na vontade deixada de lado, deve ser vivido no agora, e ele está sempre a espera do momento oportuno para o acontecimento, o amor nasce antes do medo.

Na terceira estrofe, o eu lírico afirma que sem o amor estamos perdidos, e se pergunta quando viveremos somente com este sentimento a latejar em nosso peito, o amor está sempre a nossa procura, o eu lírico continua a percorrer a cidade criando indagações as quais ele mesmo dá soluções. Ele pergunta quando: sorriremos sem medo de chorar e nos diz que o choro é a certeza de quem ama, o eu lírico duvida das certezas, das coisas que são tidas como as certas, e que as certezas são listas que despedaçam, desperdiçam a vida.

O eu lírico deseja construir países que desconheçam mentiras e vaidades, e para quem ama o destino é a glória enquanto para quem não vivencia este amor o destino é o rancor, e isto configura um triste fim. Os erros são comuns para quem procura os acertos e os erros são tidos como condenações nos países (metáforas para corações) que não vivenciam o amor.

O desejo do eu lírico é construir países que somente conheçam as sementes do amor que sejam espalhadas diariamente nos nossos jardins íntimos. Esse país, construído pelo eu lírico é anímico construído no íntimo do eu lírico, é desejo do eu lírico que o amor seja

plantado nos corações, e a poesia é a semente que o poeta planta pelas suas cidades íntimas. A poesia é o fruto gerado pela árvore do amor que foi plantada pelo poeta. Durante todo o poema, o poeta propõe uma reflexão sobre o que temos de humano e tudo que impede de vivenciarmos o amor de maneira plena, e sobre os sentimentos negativos que impedem a verdadeira felicidade para a humanidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido, nesta pesquisa, abordou na obra *Cidade íntima*, do poeta R. Leontino Filho, a imagem da cidade como parte da memória e a imagem da mulher como elemento indispensável que se funde à imagem da cidade e produz no poeta a dualidade de construir o afeto e o poema, como se para o fazer poético haja necessidade de superpor sentimento e estética.

Apesar de encontrarmos dificuldade bibliográfica sobre Leontino Filho, o suporte teórico nos auxiliou a caminhar pelos poemas e penetrar no universo poético de *Cidade íntima* de forma a perceber a força da imagem e da memória como substrato para a composição do poema.

A liberdade formal dos poemas, sem preocupação com rima ou métrica, ajudou a centrarmos esforços na interpretação baseada na leitura dos elementos fundadores desta obra, a imagem e a memória. Ao invocar o seu passado na cidade berço, lugar onde nasceu e viveu parte da vida, o poeta guardou as imagens que produziram poemas ligados ao passado com marcas claras de sua passagem por ruas, praças, casarões, interiores dos lugares, tudo movendo o fazer literário para simplicidade formal e temática.

A memória também instrumentalizou a imagem da mulher amada como parte desta cidade poética ou poetizada num duplo olhar – cidade/ mulher – como etapas inseparáveis do fazer poético, cujo resultado são poemas de homenagem à mulher como símbolo da sua satisfação existencial.

Como poeta contemporâneo brasileiro e produzindo num universo onde a poesia não tem grande apelo ao público leitor, Leontino deixa sua marca para a posteridade e produz um livro denso e esteticamente bem realizado. *Cidade íntima* não é só uma metáfora da(s) cidade(s) do poeta, é um conjunto de poemas que apresentam belas imagens numa linguagem enxuta e impactante, na medida em que se avança na leitura e na análise.

Antes de qualquer impacto na leitura de um texto, precisamos nos sentir impelidos a realçar o sentido de uma obra. Assim foi com *Cidade íntima*, de Leontino Filho. Um livro para marcar presença na Literatura Brasileira por sua força criativa e sua identificação com o contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARROS, Alves. **Jornal de Poesia**. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/leontinofilho5.html>>. Acesso em: 16 novembro de 2015.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanistas Publicações/FFLCH/USP, 1996.

COELHO, Carlos Alberto. **Casa da cultura**. Disponível em: <http://www.casadacultura.org/Literatura/Poesia/O_que_e_Poesia_Artigos/Poesia_idioma_da_percepcao>. Acesso em: 10 novembro de 2015.

CRUZ, Gastão. **A vida da poesia** - textos críticos reunidos. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

LEONTINO FILHO, R.. **Cidade Íntima**. Editora do escritor Luz e Silva. São Paulo – 1999.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PONTES, Carlos Gildemar. **Travessia de mundos paralelos** (Críticas de poesia). Campina Grande, EDUFCG, 2006.

RECKERT, Stephen. **O Signo da cidade**. O Imaginário da cidade. Lisboa: Fundação. 1985

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.